



ANAIS DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR

Vol. X (2009)

ISSN 0874-9671 (impresso/print)

ISSN 2795-4455 (electrónico/online)

Homepage: <https://revistas.rcaap.pt/aham>

Fabiane Popinigis, Proletários de Casaca: trabalhadores do comércio carioca, 1850-1911, Campinas: Editora Unicamp, 2007

Carlos Ziller Camenietzki 

Como Citar | How to Cite

Camenietzki, Carlos Ziller. 2009. «Fabiane Popinigis, *Proletários de Casaca: trabalhadores do comércio carioca, 1850-1911*, Campinas: Editora Unicamp, 2007». *Anais de História de Além-Mar* X: 421-423. <https://doi.org/10.57759/aham2009.37350>.

Editor | Publisher

CHAM – Centro de Humanidades | CHAM – Centre for the Humanities
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade NOVA de Lisboa | Universidade dos Açores
Av.^a de Berna, 26-C | 1069-061 Lisboa, Portugal
<http://www.cham.fcsh.unl.pt>

Copyright

© O(s) Autor(es), 2009. Esta é uma publicação de acesso aberto, distribuída nos termos da Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt>), que permite o uso, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.

© The Author(s), 2009. This is a work distributed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International License (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), which permits unrestricted reuse, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.



As afirmações proferidas e os direitos de utilização das imagens são da inteira responsabilidade do(s) autor(es).
The statements made and the rights to use the images are the sole responsibility of the author(s).

oficial do periódico¹ e a supervalorizar uma dimensão que não era a sua tônica. Convém também esclarecer que a imprensa que se consolidaria a partir de 1821 no Rio de Janeiro configura-se como uma «imprensa de opinião» de maneira substancialmente diferente do «viés opinativo» atribuído por Meirelles à *Gazeta do Rio de Janeiro*.

Para finalizar as considerações críticas, cabe ressaltar que a insistência na continuidade entre aspectos da dimensão jornalística da *Gazeta* e a imprensa periódica brasileira contemporânea carece de demonstração empírica, e embora seja uma hipótese reiterada ao longo de toda a obra, parece tema que demanda tratamento específico e, talvez, represente um desafio para uma pesquisa futura. Não obstante, a própria autora sinaliza para alguns problemas subjacentes a essa aproximação, como as peculiaridades na concepção de termos como «notícia», «verdade», «imparcialidade», próprios do início do século XIX e que são substancialmente diferentes daqueles usados posteriormente.

Mesmo que em muitos aspectos o esforço de valorização da *Gazeta do Rio de Janeiro* como «o primeiro periódico brasileiro» imponha ressalvas à leitura da obra, bem como que a mesma se ressinta de certa falta de rigor na delimitação temporal e no diálogo com a historiografia, a abordagem das dimensões da concepção jornalística presentes na folha, resultado do louvável esforço interdisciplinar da historiadora, é, indubitavelmente, uma importante originalidade deste trabalho, que acaba por trazer contribuição decisiva para compreender a abrangência interatlântica da constituição do espaço público no mundo luso-americano. Dessa forma, e a despeito das críticas de que é merecedor, o livro de Meirelles surge como referência obrigatória para historiadores dedicados ao tema, por enfrentar o desafio de analisar problemas cujos significados são, sem sombra de dúvida, igualmente relevantes e de difícil apreensão.

CRISTIANE A. CAMACHO DOS SANTOS
Mestranda em História Social
FFLCH/USP – Bolsita da Fapesp

Fabiane POPINIGIS, *Proletários de Casaca: trabalhadores do comércio carioca, 1850-1911*, Campinas: Editora Unicamp, 2007.

Não resta nenhuma dúvida quanto à importância da interpretação das fontes na pesquisa histórica. Para além da dificuldade própria em defini-las, de examinar textos antigos, de buscar a lógica imediata de sua composição e de enquadrar o documento lido na vida de homens mortos, interpretar o que se lê é um problema maior para os que investigam e escrevem a História.

O recente *Proletários de Casaca*, escrito por Fabiane Popinigis e publicado pela Editora da Unicamp, é um bom exemplo de um modo de interpretar fontes históricas. A autora investigou vasta documentação sobre os trabalhadores da cidade do Rio de Janeiro dedicados ao comércio, seus conflitos trabalhistas, suas organizações e seus afazeres na cultura urbana carioca na passagem do século XIX ao XX. Bom assunto, boa pesquisa, bom livro.

A exposição começa buscando situar os trabalhadores do setor de serviços na época escolhida e, em seguida, lemos sobre suas organizações sindicais e políticas, suas reivindi-

¹ A autora afirma textualmente essa idéia em artigo recente, publicado na *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Meirelles, J. G. «Oficial, mas nem tanto». Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/v2/home/?go=detalhe&id=1360>. Acesso em 20.fev.09.

cações e a forma de articulação de seus interesses com aqueles de outros agentes da política naquele tempo. Desfilam periódicos, escritores, políticos, pleitos trabalhistas e tensões entre este grupo e os demais trabalhadores da sociedade. Enfim, temos a nítida impressão de que o Rio de Janeiro foi uma cidade como as outras capitais do Ocidente – coisa que ademais vem acompanhando o leitor desde o início da obra, já que abundam inúmeras referências aos trabalhadores no comércio francês na mesma época.

Contudo, ao final, a autora insere um capítulo sobre processos criminais envolvendo os caixeiros. Nesta parte do livro, a boa impressão que o estudo provoca desde o início acaba se esmaecendo um pouco. Não é pequeno considerar que a análise dos crimes envolvendo os caixeiros deva evidenciar traços da cultura das camadas mais pobres dessa profissão.

Esse problema é complexo e envolve a elegante consideração de que o desvio das normas e leis da sociedade pode ser boa porta de entrada para o estudo da vida de gente participante de um grupo social dinâmico. Fabiane Popinigis conhece bem os meandros, e também algumas conseqüências, dessa opção de análise. Porém, o leitor não está obrigado a conhecer sua estratégia de investigação. E ficamos com o confessável desejo de ver as modalidades de tratamento que a autora dá a este problema.

Ao menos boa parte dos que terão contato com a obra desconhecem inteiramente o fato de que o crime, o desvio, a exceção, oferece um ponto de vista privilegiado para interrogar norma, para identificar aspectos dissimulados daquilo que rege a vida comum das pessoas. De fato, extrair do excepcional o regular, da minoria a maioria, é esforço que não se deve pedir ao leitor. Em geral, o impacto causado pelo contato com a estranheza de um processo criminal de há tempos excita a curiosidade e atrai as atenções. O que se conta acaba mais parecido com a celebração de pequenos conflitos estranhos do que uma estratégia de pensar a cultura. Afinal, a imensa maioria dos caixeiros não se envolvia em brigas e nem se embebedava na Rua do Lavradio.

A face conflitiva das relações sociais que se expressa na forma do crime, do delito, da contravenção, é muito singular na cultura de qualquer grupo social, não é o cotidiano de ninguém, nem mesmo daqueles envolvidos nos atos. O estudioso pode transformar essa singularidade em expressão de processos amplos, observados a sobrevôo, e com isso concluir teses importantes sobre as transformações das sociedades, das classes sociais, da própria luta entre elas. Afinal, *Proletários de Casaca* incide sobre um tempo em que a agitação política das classes subalternas era tratada como crime em diversos países do Ocidente. Para não alongar, basta lembrar da adoção do dia primeiro de maio como data simbólica dos trabalhadores.

Mas os crimes que informam esta última parte do trabalho não são tratados como expressão de conflitos significativos de grandes processos. Ao contrário eles aparecem como exemplos expressivos da integração dos caixeiros, dos trabalhadores do comércio, na cultura urbana do Rio de Janeiro, ou da dificuldade em realizá-la.

Contudo, os maiores méritos do trabalho passam ao largo desta questão: a autora integra perfeitamente bem sua análise do passado aos temas do presente. Analisar as tensões trabalhistas dos caixeiros de tempos pregressos colabora muito para entender os conflitos dos comerciários da atualidade que, por força de transformações estruturais na economia, perderam seu domingo, ganho com tanta batalha após tantos anos. Afinal, não pode ser considerado menor contar a História das relações de trabalho daqueles que na atualidade passam ao menos um terço de suas vidas encaixotados em grandes conglomerados comerciais, respirando ar condicionado, iluminados por néon, sem ver a luz do dia e habituados a uma arquitetura feérica e orientada a um consumo que não é seu e nunca será seu.

Mostrar à sociedade a luta dos caixeiros de há mais de cem anos também expõe os valores e as mazelas de gente que já se foi há muito e que, aos poucos, parece ter vindo

recolher sua moral. Camuflada de laicidade, a rejeição da folga no domingo ou sua transformação em folga semanal foi aceita pelos jovens caixeiros do presente. Por mais árduo que pareça, milhares de pessoas ainda buscam com avidez o trabalho no comércio em grandes «Shoppings» onde o Sol não brilha. De fato parece que a luz do dia importa menos aos comerciários de hoje que importava aos caixeiros seus antepassados.

E, contudo, o Sol continua a brilhar: os patrões de outrora se transformaram em executivos ágeis e criativos, as lojas de departamentos são hoje portentosos agentes financeiros operando em todo o mundo. Os caixeiros, depois comerciários e hoje os que trabalham neste ramo de atividade vivem a riqueza de seu ambiente de trabalho, oposta como sempre à pobreza de sua vida real, como arranjo que lhes permite fugir da marginalidade.

Por fim, a obra de Fabiane Popinigis nos ajuda e muito a pensar o passado brasileiro como estrutura urbana, como cultura de cidade, de *polis*. Esse é, sem dúvida, seu maior mérito.

CARLOS ZILLER CAMENIETZKI
Departamento de História/UFRJ